

Trovas e Cantigas Madeirenses

RECOLHIDAS E COMENTADAS PELO
VISCONDE DO PORTO DA CRUZ

Sócio efectivo da Associação dos
Arqueólogos Portugueses, Sócio
correspondente do Instituto de Ar-
queologia, História e Etnografia, etc.

4(649.8)

LISBOA
1 9 3 4

TROVAS
E CANTIGAS
MADEIRENSES

COMPOSTO E IMPRESSO NA
SOCIEDADE INDUSTRIAL
DE TIPOGRAFIA, L.^{DA}
RUA ALMIRANTE PESSANHA,
3 e 5 (AO CARMO) — LISBOA

Trovas e Cantigas Madeirenses

RECOLHIDAS E COMENTADAS PELO
VISCONDE DO PORTO DA CRUZ

Sócio efectivo da Associação dos
Arqueólogos Portugueses, Sócio
correspondente do Instituto de Ar-
queologia, História e Etnografia, etc.

L I S B O A
1 9 3 4

Não se julgue que é fácil estudar o «folklor» do Arquipélago da Madeira. O «vilão» é extremamente desconfiado e foge a dar informes sôbre o seu modo de viver e muito em especial sôbre os originalíssimos costumes que, através dos séculos, avaramente tem conservado. Se é colhido de surprêsa e nota que por qualquer forma originou interesse, ou mera curiosidade, procura logo «despistar», para se pôr «a coberto»... E' a própria experiência que me autoriza a fazer esta afirmação.

Há perto de doze anos que eu estudo o «folklore» do meu lindo Arquipélago e muito embora o «verdadeiro» Povo da Madeira corresponda à natural afabilidade que sempre encontrou na minha Família, o certo é que inúmeras vezes tenho dificuldades incalculáveis para esclarecer dúvidas ou para obter elementos para o estudo e investigação dos velhos usos e costumes. O Povo, a quem o «burguez» enfatuado chama «rude», agrada-me sinceramente. Na sua simplicidade, no seu desprêso pelos respeitos humanos, nas suas predilecções e nos seus idealismos, o Povo conserva bem as virtudes admiráveis da Raça, assim como sabe manter essa alma nobre, cheia de poesia, procurando com naturalidade, como que por instinto, fixar e realçar quanto a vida tem de belo! Com o Povo sempre me entendi e me sinto bem.

Pois, a-pesar do confiante acolhimento que encontrei na boa gente do Povo da Madeira, por vezes tornou-se-me difícil colher pormenores imprescindíveis para os meus estudos do «folklore» regional. Quando coligi elementos para um trabalho sôbre a «Medicina Popular da Madeira» cheguei a convencer-me de que era forçoso desistir! Estas mesmas dificuldades, talvez agravadas, surgiram sem dúvida para o Dr. Eduardo Antonino Pestana, para o Tenente-Coronel Alberto Artur Sarmiento, para o Padre Fernando Augusto da Silva e ainda para o sábio naturalista Adolfo de Noronha, que têm feito trabalhos notáveis sôbre o Arquipélago. Só quem de perto conhece a psicologia do «Vilão» poderá avaliar com justiça a paciência, o tempo e a diplomacia que exige o mais simples estudo da vida madeirense. O «folklore» dêste Arquipélago é extremamente rico e belo! Os «Vilões», por um lado, e, por outro, as Corporações Administrativas e outras entidades que não dão apoio nem auxílios para êstes estudos, dificultam a sua divulgação. Os meus ensaios sôbre «Lendas e Monumentos» e «Crenças e Superstições» — publicados respectivamente nos volumes III e IX da «Arqueologia e História», depois de comunicações feitas na Associação dos Arqueólogos Portugueses — tiveram um acolhimento tão amável dos estudiosos e eruditos que me senti obrigado a prosseguir os novos estudos sôbre «Medicina Popular», «Dansas, Músicas e Versos» que já então iniciara.

Para êste trabalho, que apresento hoje, tive enormes dificuldades. Os «Vilões», com a preocupação de esconder os seus costumes tradicionais, logo que se apercebiam, nos seus folgedos ou romarias, que eu tomava apontamentos, re-

traíam-se e desconfiados quási se recusavam a repetir uma trova, que eu mal fixára. Por outro lado não sabendo escrever música tive de organizar um «método» meu para fixar a harmonia das músicas e das cantigas. O Professor Guilherme Wilbrham, que conhece profundamente os «motivos» e os instrumentos da verdadeira música regional foi ainda um poderoso auxiliar que não posso esquecer. O meu Primo e Amigo, o Professor Luís de Freitas Branco também me deu um grande auxílio escrevendo e instrumentando músicas que eu registara nas romarias e festas da Madeira.

Tudo isto representa um trabalho de mais de quatro anos e é provável que esteja ainda bem longe de um estudo sem deficiências. No entanto eu tenho a convicção de que reuni conscienciosamente quanto era necessário para se ajuizar dêste ramo do «folklore» madeirense, dando assim elementos imprescindíveis para futuros trabalhos de maior valor.

*

As canções, que num momento conseguem uma grande voga e se espalham pelo mundo, cêdo se repercutem na Madeira. Surgem, em regra, nos salões ou no palco e perdem-se, deturpadas, no assobio da garotada. . . A sua vida é sempre efemera. Tão fàcilmente se tornam uma obsessão como caem no esquecimento. Mesmo os «fados», que têm conseguido uma certa simpatia no Povo, são sistemáticamente suplantados pelas canções regionais que através dos tempos se repetem com deleite nas festas e romarias, com a sua original cadência e um vago sabor dos cantares mouros. Os canticos sacros conseguiram também um grande

lugar nas preferências populares mas, em geral, por não terem cabimento, não chegam às romarias.

Na Ilha da Madeira subsistem sempre as «trovas», bem características, cantadas pelo Povo com o acompanhamento da «viola de arame», do «rajão», do «machête» e até por vezes do «braguinha» e da «gaita de foles». A cantiga fundamental, de onde partem mil variações, é o «Xaramba». O Padre Lowe, no seu estudo sôbre «Motivos da Madeira», julga que inicialmente esta «móda» se denominou «Xácarimba», depois «Xácaramba» e por fim «Xaramba», que se modifica em cada Concelho, em cada Freguesia, em cantigas com toadas e simbolismo cheios de originalidade, e que mostra influências das velhas canções medievais: «Chacóta» e «Folia».

Fóra dos folguêdos o Povo canta, sem acompanhamento da música, enquanto duram os trabalhos rurais, no arranjo recatado do lar, nos dias santificados, na calma das tardes, nesses «terreiros» sempre floridos onde se reúne a gente môça dos sítios e onde, tantas vezes, em «trovas» e «despiques» se esquecem até alta noite! A monotonia das cantigas madeirenses deve, por ventura, ser uma reminiscência arabe. O elemento mouro entrou na formação do Povo. No Funchal ainda existe a «Rua da Mouraria», que liga o Largo de S. Pedro com a antiquíssima «Rua da Carreira dos Cavalos», onde, outrora, os Fidalgos faziam seus jogos e cavalgadas de brilho desusado... Em tempos recuados teve a Madeira muito bôa música, havendo neste Arquipelago compositores e executantes que alcançaram certa fama em meios de mais amplos horisontes. No campo da poesia, então, aparecem «bardos» notáveis que souberam acompanhar

as escolas do seu tempo e que deixaram produções consagradas à Terra com um interessante sabôr regional. Os versos tiveram mesmo um caracter epidémico e ainda hoje não há «Vilão» que não improvise com bastante graça, se bem que a forma e as idéas pareçam fantásticas. . .

A cantar, velhos e novos, não perdem ensejo de dar largas ao que lhe vai na alma. Versos de «pé quebrado», com rimas inconcebíveis — e muita vez sem rima alguma — sem critério e sem regras, repetem-se e multiplicam-se sem parar vertiginosamente, nos folguêdos populares, nas grandes festas regionais e até nas bôdas. Muito embora seja considerável a percentagem de iodo e de humidade do ar, encontram-se em todo o Arquipelago vozes bonitas. O Povo madeirense é em extremo propenso para a «música» e para a «poesia». Bastará ouvir os «Vilões» nos seus «brincos» para se aquilatar a graça, minucias e originalidade que êles imprimem às «trovas» que são, em geral, sátiras venenosas, epigramas mordentes ou inspirados protestos de amôr. . .

Vejo a *milher* de João
Cum Antoino a retoçar.
 Ai Sam Marcos de minh'alma
 Nam sei isto em qu'irá dar. . .

Tu cuidas que p'ra ti olho
 O' que por ti trago paixão. . .
 Nunca *fu* apaixonado
 De fruta que cai no chão ..

A' parreira dá-m'um *cdcho*,
A' cacho dá-m'um báguinho,
A' Maricas dá-m'um beijo,
Qu'ê góste d'amor cum vinho...

Nam dês beijos Maricas
cum tua bôca rosada.
Por um só beijo tu ficas
toda vida despresada...

As estrelas miúdinhas
fazem n'ô ceu bem *composto*.
Assim são *n'oi* sinaisinhos
mê amor *im* vosso *rostro*...

Atrêma te qu'ê côr de rosa
na saia de *mê* vestido.
Se na perderes de vista
nam me percas do sentido.

Toda vida ouvi dizer
aos *homes* lá da *cedade*:
— quem *sumeia* boa terra
cólhe bôa *novedade*...

.....

Acontece muitas vezes que os *versos* não formam o menor sentido e visam apenas amontoar palavras que rimem.

Torna-se portanto esta originalidade extremamente curiosa e característica :

*A' mês olhes, à mês olhes
 Vai à serra e trai dôi molhes.
 Quim quijer que nui barcos cõrra
 Dê lhe cêbo noi paradís
 E bõrra noi catiçais
 Qu'é coisa p'r'ádimirar
 Que cãsa adimiração
 Que num pé de tanarifa
 Dê uma bája de feijão...
 Menina dá-m'oi tês olhes
 Péga lá mê coração...*

Ainda mais desconchavados são estes :

*Manél da ti Antoina
 Abicúa-se da roche imbaiche
 Coitado do prove selvage
 Que s'avéra de pisar mei multe...*

*Lá fóra naquele mar
 Tá uma latadinha d'uvas
 Nam n'á fáca que n'ei corte
 A' Maricas dá cá uma escada...*

*A' mê pai, á mê pai
 Qu'é aquilo que vai e vem
 Que bóta fume
 E cheira bem ?*

A' sê brute, á sê brute!
Nam vês qu'ê incensador
 Cum que Deus lhe dê o Ceu
 Incensam Nosso Senhor...

Aos Domingos e nos dias santificados é um velho costume em cada «sítio» haver um ponto de reunião preferido. Em regra é no «casal» mais abastado, porque pode «agradecer» com «bubidas»...

O «terreiro», sempre florido, enche-se com os vizinhos e todos folgam, cantando alegremente, contando «histórias» e, com especial predilecção, repetindo «adivinhas». As velhotas têm sempre a primasia neste capítulo.

— «Váia» lá a «ti Jasúina». «Bote p'rá í» uma adivinha, e «dei» boas...

A velha faz-se rogada. Os circunstantes insistem e, por fim, com mil tregeitos, ela acêde:

— *Atremem* lá a *mecías*: — Pé no chão
 Bordão na mão
 Chapeu no ar
 P'ra caminhar...

Cogita a assistência a vêr se descobre mas outra velha, com ar malicioso, acode a dizer que sabe essa adivinha mas desta forma: —

— *Tanho* pé e não ando
Tanho chapeu e não tiro
 Tanho barba e não rapo
 Se me levam *vía* chorando...

Como ninguém «atina» então a «ti» Júvita declara que se trata do belo «Inhame». Todos concordam que de ambas as formas está bem achado e como a «ti Jasuina» parece «amuada» insistem para que diga outra adivinhação. Por fim, com ar sacudido volta a velhota:

— *Tom* aqui no mê cantinho
Toda a gente me vem ver
Mastigar e *botar* fôra
Qu' engulir nam pode ser...

— Essa é «dei bôas!» «Nam ná» quem «n'atrême. E como ninguém decifra a octogenária declara que não passa de um velho moinho, como êsses que, a cada passo, se deparam nas encostas desde o dorso das altas serranias, aproveitando as torrentes caudalosas que em nuvens de espuma se precipitam pelos despenhadeiros!... Uma rapariguinha «espenefrica» quer mostrar que também a gente môça sabe dar um ar da sua graça.

— Uma mãe *cum* cem filhos
E cem filhos pode ter
Mas *nui* filhos *nam* vem na mãe
Senão depois da mãe morrer...

Velhos e novos dão tratos á imaginação mas antes que surja um alvitre a cachopinha apressa-se a dizer que é uma «buganga» com as suas inúmeras «púvides»...

A «ti Jasuina» enfureceu-se por não ter visto logo a popularíssima «buganga» que tão belas sopas faculta e

que para os estranhos oferece a deliciosa guloseima da «chila»...

— Ai rapariga duma cana ! «Poi» destas tu «nam» sabes nem dizer :

— *Cal é cousa cal é ela*
Filha duma bela
Tem muitos irmãos
Todos lindos todos são
Vestindo calça amarela

— Ora a «ti Jasuina» nam vê que «sam nei» bananas !
Então diga o qu' é esta ?

— Chapeus sobre chapeus
Chapeus do *mai* fino pano
Nam n'atremam este ano
Nem *p'r'ó* ano que vier
So *s'é* lhes *dixer*...

E como de facto ninguem descobre, a endemoinhada rapariga, fazendo arreliar as velhas, diz-lhes a rir que é simplesmente uma cebôla...

— «Tôasca-marrôasca ! Esta rapariga tem o «grima» no corpo ! Vai buscar cada uma !

A gente môça festeja a atrevida que teve artes de enfurecer a velharia. Nota-se já um certo «azedume» e então o dono da casa, para evitar contendas fecha, com esta, as adivinhas.

— *Cal é cousa que chêga à serra*
E logo que chêga *bêrra* ?

Grande galhofa das circunstantes que dizem ser essa
«mais velha que o norte».

— Quem nam sabe que é *no* machado ?

E de facto é o machado que sem piedade faz ecoar na
solidão das serras o grito terrível, abatendo as florestas se-
culares da Madeira...

Numa terra de incomparável beleza, que lembra um
perpétuo jardim, onde desde o quebramar aos píncaros
mais altos que rasgam as nuvens ou se desenham em ca-
prichosos recortes no azul límpido do Ceu, as flôres e os
frutos não podiam ficar esquecidos nas «trovas» e «can-
tigas» populares...

E' rara a cantiga, quer nos campos quer na cidade,
onde não se encontre uma referência, uma alusão, um ori-
ginal simbolismo da Flora regional :

— Ai minha menina
Ai minha «carocha»
Há-des ir ei flores
A' beira da rocha.

Quem polo «alecrim» *passúa*
E um raminho nam *apanhua*
De sê amor s'esqueceu
Da *Verige se nam lembrúa.*

Corta-se a «silva» *arrebenta*
E a «salsa» vem *pôlo pé*
Assim arrebentasse a bôca
A quem diz no que nam é.

Mandei fazer uma *grenalda*
 De «rosinhas» em botão
 P'ra te *prantar* na cabeça
Mê amor do coração.

O «gira-sol» *cando* nasce
 Traz «maravilhas» ao pé.
 Contratos *cum* gente falsa
Canto menos *milhor* é.

«Cravo» tem vinte folhas
 A «rosa» tem vinte e uma
 Anda o «cravo» em *demanda*
Pôla «rosa» ter mais uma...

Truxe um «liro» lá do vale
Prantei-o no *mê* jardim.
 Só tu, ai por *mê* mal
Nam queres saber de mim.

A «buganvila» é airosa
 Alegre na romaria
 Mas s'ê flor tam vistosa
 E' ninho da *rataria*

Os «amores escondidos»
 Nascem rentes ao chão
 Tristes dos que tem penas
 E máguas de coração...

Sam rouxas *ei* «viuvinhas»
«Ciumes» e «violetas»
Amarelas *ei* «doiradinhas»
E «amoras de silva» pretas.

D'encarnado veste a «rosa»
De verde o «manjaricão»
De branco veste «açucena»
De rouxo mê coração.

Fui ao mar p'ra ver agua
Ao campo p'ra ver «flores»
A' igreja para ouvir missa
Ao adro p'ra ver amores.

Se os beijos espigassem
Cuma espiga o «alecrim»
A mai das raparigas tinha
A cara *cum*, um jardim...

Cabra que vai pela «vinha»
Vai comendo que tem fome
Grande castigo merece
Milher que *se fia* em home...

«Larangeira» pé de ouro
Bota refilhos de prata.
Tomar amores *nam* custa
Deixal-os é que *núi* mata

Da tua janela á minha
Atirastes um «limão»
A casca *dê-me* no *rostro*
O *sume* no coração...

As «arvores» da serra choram
Choram *cum* muita razão
Apanham-lh'a *baga* verde
Botam-lh'os *gálhos* no chão.

«Inveja» é *pranta* ruim
Que *lavra* por toda terra.
Se traz raízes no mar
Já *bota* as folhas na serra

«Ciume» é bela flôr
Mas anda mal estimada
Onde *nam* entre o ciume
«Amor *purfeito*» *nam* vale nada...

Cara de «pêro» maduro
Picado dos passarinhos.
A quem tu deste os abraços
Dá-lhe também os beijinhos...

Todas estas trovas vão com a música do *Xaramba* ou
com alguma das suas derivações.

Muitas vezes acontece que, não havendo música, recitam os versos a meia entoação :

Olha-m'êsta moda antiga
 Ai José anda *bailhar!*
 Aprende José aprende
 P'ra *cando* tu fores gente
Qu'iste é do tempo
Qu'ê me divertia
 E *mê machetinho*
 Tam bem *retenia*
 Em casa da rapariga...

Em tempos idos, nos «casais» que tinham linho, reuniam-se à noite os vizinhos enquanto as «fiandeiras» seguiam os seus trabalhos. Havia os clássicos «toques» de «machêta», «rajão» e «viola de arame»; com frequência apareciam «mascarados» galhofeiros; depois ou cantavam ao desatio ou se entretinham a contar «histórias».

Em Sant'Ana ainda hoje subsitem alguns dêstes costumes para a «esfólha» do milho ou na «descasca» do feijão.

Outrora o linho merecia um especial interêsse porque o «lidavam» para uso dos casais.

Todas as raparigas mesmo antes de «andarem com o sentido em algum homem», tratavam de amealhar economias pára «as peças de linho», pois que era da praxe cada noiva possuir, pelo menos, duas «teias». Por vezes uma das «teias» era de estôpa.

As reuniões das fiandeiras não passavam de um pretexto para grandes galhofas. As velhotas maravilhavam a

assistência com narrativas e maçadas histórias, quasi sempre em verso, e a gente môça interrompia as risadas para concentrar tôda a atenção nesses relatos que sempre impressionavam. De entre tantas «histórias», que nem por muito repetidas perdiam o interesse, tinha um particular acolhimento a «Dona Olinda».

— Estava Don'Olinda no *sê* jardim *assentada*
Cum pente d'ouro na mão *sês* *cabeles* penteava.
Olhua p'r'aquêle mar e n'êlê viu grande armada.
 Capitão que n'ela vinha *muite* bem *na* comandava.

— Dizei-me senhor Capitão
 Dizei por vossa Alma
 S'o *maride* que Deus me *dê*
 Se vem ai na vossa armada ?

— Nunca *n'o* vi nem *n'o* conheço
 Só se sinais dêle *tuvera*,

— Montava cavalo branco
 C'*uma* sela amarela...

— Esse montou um francez
 Nas costas *d'Ingraterra*.
 Mas que dareis vós senhora
 A quem aqui *vól-o troixera*
Tal cal cuma ele era ?

— Trez moinhos *qu'ê* tenho
Todos i tres a ti *tui* dera...

E neste teor segue a história com mil peripecias, mais ou menos inverosímeis mas sempre trágicas, com um cunho da «Nau Catarineta».

Quási todas estas histórias são excessivamente maçoadoras, pois repisam os «motivos» e repetem quadras inteiras, alongando assim as narrativas. Há ainda outro género de versos, que por vezes cantarolam, nestas reuniões, mas com pretensões galhofeiras :

— Era nam éra
 Andava lavrando
Chigua a notiça
 Do filho *Farnando*.
 No pai era morto
 A mãe por *nascer*
Bútua noi pés á cabeça
 E foi a correr.
Chigua a um faval
 Carregado de maçãs
 Subiu a *riba*
 E *apanhua* avelãs.
 Que estais a fazer ladrão num pomar alheio ?
Aprantua-lhe cuma pedra na cabeça
 E quebrou-lh'um *joelho*...

Isto, como disparate, não pode ser mais completo. No entanto tem grande successo, tal como nas romarias a «lenga-lenga» :

A' mês olhes. á mês olhes
Vai á serra e trai doí molhes...

E riem com gôsto, infantilmente, e vivem felizes nos seus «Palheiros», nessas típicas habitações tão modestas, onde, em regra, a ambição não sai dos limites apertados pelos montes altíssimos que se erguem como braços de Titans até ao Céu...

E assim, nesta dôce paz, nascem e vivem lidando a terra e louvando a Deus.

*

* *

As principais festas da Madeira, que chamam osromeiros dos mais distantes logarejos e que servem, como balisas, para orientar as minucias da vida regional, são, pela ordem de sua importância, a «Senhora d'Agosto» no Monte, o «Senhor Jesus» em Ponta Delgada, o «Senhor dos Milagres» em Machico, o «Domingo do Senhor» no Caniço, o «Santo Amaro» em Santa Cruz e «São Pedro» na Ribeira Brava. «Os arraiais» destas festas teem uma grande importância e ocupam um lugar de destaque na vida do Povo. Mal se aproximam as datas festivas e em particular nos campos começa uma azafama incalculável nos preparativos do fato e do «farnel» para a romaria. Na véspera, desde cedo, fecham-se os casais e abalam famílias inteiras por montes e yales cantando e bailando até ao adro da Igreja, onde a aglomeração é sempre sufocante. Com um pouco de insistência conseguem arranjar espaço para os «brincos». Então, como que enfeitados, homens e mulheres, velhos e novos, sem se preocuparem com o cançasso de muitas léguas andadas, na vertigem do folguêdo começam as danças populares e assim se entreteem uma noite inteira

nos seus «bálhos», nos «despiques» e nas «lengas-lengas» acompanhados pela música regional, interrompendo apenas para as «comesainas» ou para o vício trágico das «bubidas». . . Estalam foguetes, há fôgo de artifício e não faltam as tradicionais iluminações com «vidrinhos» de côres, bações venezianos, ou simples lamparinas feitas com o concavo das cebolas onde arde uma mecha de estôpa ensopada em «azeite de louro». As filarmonicas mais afamadas executam peças de efeito e os músicos, com suas fardas vistosas, tomam atitudes de pessoas importantes. O corêto está muito enfeitado com bandeiras, ramagens e flôres. Os pendões brancos com a rubra Cruz de Cristo, multiplicam-se em volta do templo e no percurso da procissão. . . O Povo entusiasma-se, bate palmas, redobra a algazarra e vai exteriorizando o seu prazer com ininterruptas «trovas» e «cantigas». As «charolas» e as «promessas» são números obrigatórios e de grande importância para «avaliar» a festa. Enquanto, tantas vezes, os «penitentes» sobem de joelhos as enormes escadarias da Igreja do Monte, por exemplo, no Adro, nas Babozas, ou no Largo da Fonte os «romeiros» proseguem os seus «despiques» e «bailhinhos». Os curiosos apinham-se em roda dos «divertidos» que formam o «brinco». Alguns pares executam os primeiros passos das danças regionais e outros aproveitam pára «botar» a sua «trova», que provoca sempre controvérsia :

— Rosa de João da Eira
Máil-o Francisco da Fonte
Prumateram ambos i dois
 Ir á Senhora do Monte, . .

Uma velhota, com o gôsto da bilhardisse, a voz a fugir da bôca desdentada, não tem mão em si e mete-se na cantiga...

— *Sô pai lhes dêr o sim
Intê a festa do Senhor
Francisco dixê que leva
Um ciro de sê altôr.*

Mal a velha terminou, uma rapariga, confidente da Rosa tão discutida, com um sorriso contrafeito a repuchar lhe os lábios carnudos, acrescenta :

— *A Rosinha pôlos geitos
Nanja qu'ê tenha ouvide
Já dix'ao pai mail'á mãe
Qu'outro nam quer p'ra maride*

Os circunstantes festejam a graça com dissonantes e ruidosos apupos, com palmas e forte sapateado.

Ali próximo formou-se outra «roda». Parece que a animação aumenta. Os espectadores aglomeram-se, cheios de interesse para não perderem os detalhes do «despique». Os «romeiros» sem cuidarem mais que na resposta pronta às «biscas» que lhes atiram os «compadres», nem ao menos se lembram das famosas «espetadas» que num ramo de louro fumegam sôbre o brazeiro a desafiar o apetite...

Os instrumentos repetem os «motivos» da música regional chamando os «cantores». Um velhote com o chapéu de abas largas deitado para a nuca «arrimando-se» ao bordão de forquilha, resolve «quebrar» a «cerimónia» :

— O castanheiro dá castanhas
Nogueirinha a sua nóz
Cante agora *Marcanhas*
Qu'è quer ouvir *na* sua voz...

A Mariquinhas vendo-se visada a rimar com castanhas prega-lhe uma «respostada» :

— Que se fechem *nois engenhos*
P'r'álegria cá da gente
E s'acabem *nei* novenas
Dui bebedos d'aguardente...

Grande galhofa, tosses forçadas, piscadelas d'olho, co-teveladas no visinho, um ou outro «dito apimentado» e o pobre do velhote, já arrependido do entusiasmo, procura fugir à agressão cobrindo a retirada :

Nossa Senhora da Paz
Fazei-m'as orelhas *moucas*
P'ra *nam atremar injuras*
Cum tantas palavras loucas

E para significar que punha termo à disputa, como é da praxe, deu um «apupo». A rapariga, porém, não quer saber de praxes e vendo-o assoar-se com os dedos prega-lhe, descaroadamente, com esta nova beliscadura :

— Olha-m'um *vilhão mácreádo*
Cum falta d'educação
Trài no lenço *n'ágibeira*
E s'assoár-se *cum* a mão !...

Do grupo acode uma matrona prasenteira, ainda com pretensões de moçoila, o vestido levantado e prêso nas ancas roliças, como é uso, para deixar vêr o «luxo» da saia de baixo muito garrida com folhos e bordados. Procura desviar a contenda :

Nossa Senhora do Monte
Mê glorioso Sam Martinho
Acabai *cum na* aguardente
Mas deparai muito vinhô...

A quadra teve o condão de desviar a disputa mas irritou o marido da apasiguadora, que já vinha «alegre» e que andava fatto do «fraquinho» da «velha» pelo vinho...

— Ai *milher nam* bebas vinho
Qu'ê te darai uma saia...

Mas logo ela, toda repenicada, lhe torna :

— Uma saia me desmaia
Ai *mê velho* dá cá um *pinguinho*...

Ainda, com paciencia lhe torna o homem :

— Ai *milher nam* bebas vinho
Qu'ê te darei umas botas...

Com gestos desabridos lhe volta ela :

— Umas botas em pernas tortas !
 Ai *mê* velho *ê só* quero vinho...

Mas como tudo tem limites e em particular a paciência de um marido mal disposto, êste não está com mais de longas e estende o bordão nas costas da impenitente adoradora de «Bacho»... A mulher caiu com o clássico «flato» e uma vizinha acode-lhe tirando precipitadamente a «bota de vilão» e encaixando-lhe o cano no nariz para respirar a «pitada» que de pronto lhe restaura os sentidos... Os homens rodeiam o marido tirano e afastam-no para longe... Julgando-o prêso pela policia, a agredida clama em alta gritaria pelo seu homem. Serenam os animos e as músicas recomeçam com furor. Os cantores aproximam-se e em pouco do incidente não resta recordação...

Ê sou tocador de viola
 Mereço um copo de vinho
 P'ra subir *inté* o Monte
Nam senti *no* caminho...

Vem logo o *estrivil*, em côro :

Trez melros assados
Cum quatro cosidos
 Dá carne bastante
Pr'ós *nosses* amigos.
 Enganei trez velhas
Cum prato de figos...

Ao que responde o primeiro, em solo :

Venha vinho, venha vinho !
 Venha bem meia *canáda*,...

Porém, antes que terminasse a trova a afoita Marí-
 quinhas tira-lhe a palavra :

— S'assim queres *buber* vinho...
 Põe *na* bôca na levada...

Grande algazarra demonstra o sucesso que obteve o «remate» da repariguinha. Uma velha lembra então as «espetadas» que «estorricam» e os grupos dispersam para tomar posições estratégicas em volta dos «farneis»... As «cabácinhas», repletas de «grog» ou de «vinho surdo» correm de bôca em bôca. Chegam novos «romeiros». Os maridos, como «é de preceito» trazem no bordão, enfiados pela aza, os cestos com os «farneis», e sôbre as tampas vêm as botas e o chaile das mulheres. Param, calçam-se e formam a roda. Começa a afinação dos instrumentos. Um «vilão», com o rosário de pêras a enfeitar-lhe o chapéu e com as tradicionais bonecas de maçã a tira-colo, prega de entrada com uma «lenga-lenga», entoando muito cadenciados os primeiros versos e dizendo os outros vertiginosamente para retomar nos dois últimos o primeiro ritmo :

Ê vúa por aqui *a baixe* }
Cum mê maehête traz traz } bis

.....

Num dia d'entusiasmo
 Dei um beijo em certa môça
 Que se *mustrua infadada*
 Por *lh'ê* dar um beij'á força
 Mas *ê* bem conheço *nei milheres*
 E bem sei *cuma* elas são
 E bem vi *qu'aquêl'infado*
Nam vinha do coração
 Qu'as *milheres* por beijinhos
Sam galitrixas por leite
Sam cuma o furão por ovos
 E *cuma* o gato por azeite

.....

Ai que linda rapariga }
 Cá p'ra mim que *sua* rapaz } bis

A graça não fica sem resposta porque a môça visada,
 entre trocista e comovida torna-lhe logo :

(Música da lenga-lenga)

O *mê* amor de barrête }
 Que linda graça que tem } bis
 Já lá vai um barco á vela
 P'rá Ribeira da Janela
A'mê mano *á'mê* mano
Trai tisoira e corta pano
 Qu'ele vai p'r'ó Seixal
 Onde vai *mercar ferral*

E di lá p'ra Sam Vicente
 Qu'o *Vigairo tá* doente
 Qu'o *Vigairo cumeu* figos
Cumeu figos *tá* doente
 O *Vigairo é* «Batata»
 Nam se dá *cum* aquela gente . . .

 Nam ha fidalgo na côrte }
 Que me parêça *tam* bem . . . } bis

Tanto na ida como no regresso os romeiros costumam parar em todas as «vendas» onde é da praxe «búber. . .»

Depois das libações tocam, dançam e trovam ao desafio. As «cabaças» com vinho ou «grogue» são companheiras inseparáveis e passam constantemente de bôca em bôca...

Os «romeiros» agrupam-se no terreiro, fazendo grande algazarra. De súbito surge uma «trova» que, tal como lume no rasilho, dá início à explosão dos «desafios» intermináveis. Uma mulher de tês morena, os olhos negros e brilhantes como tições, o nariz arrebitado, com uma mão na na ilharga e outra estendida, como a ameaçar, canta :

De minha saia amarela
 fiz *nei* calças *a mê* home.
 Ninguém pode *impruvir*
 de coçar onde me *côme*.

Um dos do grupo, muito malicioso, torna-lhe :

In cante foste solteira
 eras boa rapariga.
 Mei depois que te casaste
 só falas *in tom de briga* . . .

Um namorado, com os olhos amortecidos, arrastando as palavras, as pernas bamboleantes, o raminho de «manjarico,» obrigatório na lapela e no chapéu, «arrimando-se» ao bordão, dirige «àquela que traz no sentido» êste madrigal:

Mandei fazer um *reloje*
da casca dum carangueijo
p'ra contar *nui minutes*
mê amor que te *nam veije*

Ela, derretida e dengosa, torna-lhe :

Botei um papel ao vento
Pôlo ar *perdê n'a côr.*
Se me perderes de vista
Nam me percas o amor . . .

Um «brinco» mais movimentado, entra prendendo as atenções. Com o «passo de romaria», que não é mais do que uma marcha simples e pulada, por vezes alternando-se num autentico «passo de polca,» os braços ora no ar ora poisando graciosamente as mãos na cintura, dão uma volta ao Terreiro. Do outro grupo «trova» um rapaz :

Que *romeiros sam n'aqueles*
Que vem do Pico dos Ús?
Sam romeiros do Estreito
Que *vam* a Senhor *Fasus* . . .

Dos recém-chegados alguém responde com uma amabilidade para os outros que são «romeiros» do Porto da Cruz:

Raparigas do Faial
Sam *mulheilhas* de *feiteira*
Mas *ei* do Porto da Cruz
Sam *lencinhos d'ágibeira...*

E logo, voltando-se com a mesma «prasantaria» para outros da Costa de Baixo:

Quem *quijer* vêr *môças*
De perna *vírmeilha*
V'd *missa* do dia
A' Feijã d'*Oveilha...*

Robicundo, os olhos a brilhar de alegria, um mocetão do grupo acode:

O *Tocador* de *viola*
E' *airoso* e *trova* bem
Merece uma *rapariga*
Pôla cantiga que tem.

De pronto vem a resposta:

Se *gostais* de *ouvir* cantar
Dai-m'um *copinho* de *vinho*
Que *nam n'a* p'ra *cantar*
Cuma um *rico canudinho* .>

Os outros acolhem a ideia com grande gaudio.

Venha vinho, venha vinho
Vinho do garrafão
S'amecias nam dão vinho
Larga-s'ô brinco da mão...

Uma matrona acerca-se dos músicos insistindo para que retomem o caminho. Um deles, porém, comenta :

A' Justina *põe-te quêta*
Nam te faças *buliçosa*

E a Justina, sem se dar por vencida :

Deixa lá José Travancas
Qu'a coisa *nam* Tá *geitosa*...

Para «remate», como o José Travancas é «careca» ela ainda lhe torna :

Todo o *home* qu'ê *carêca*
E deseja ter cabelo
Tem que dar uma dentada
Na ponta do cotovelo...

Então, para que não se «agrave» o caso vem um velho conciliador :

Já se vê a *fumegar*
A cosinha de *ti* Gouveia
Rapazes *vames imbora*
Já *sam* nas horas da ceia...

Todos, até o Travancas, concordam :

Rapazes *vames imbora*
 Qu'ò sol já se vai pôr
Vames todos im romaria
 Na paz de Nosso Senhor.

E a cantar, pulando, lá abalam com apupos dissonantes...

Não tardam outros «romeiros». Uma rapariga cheia da mocidade, o lenço de sêda descaído para a nuca, o chaile no ombro, os cordões de ouro, em voltas, torneando o colo lindo, o clássico lenço de rendas e «as ervas de arôma», o vestido vistoso, «arregaçado» para deixar vêr «os fólhos» e os bordados da «saia de baixo», pondo a dextra na ilharga e firmando-se com a mão esquerda no bordão «deita trova :»

Mê amor dixé que vinha
Cando o dia amanhecesse
 O sol já *nam* s'avista
Mê amor nam aparece...

Percebe-se que a «romantica» é do Porto Santo. Os «Profetas» silabam muito pausadamente. Existe uma grande rivalidade entre as duas ilhas e «por nada» pretextam «remóques. Os romeiros madeirenses trocam entre si sinais furtivos e como os do Porto Santo não «liguem» um mais afoito aproveita para uma trova sarcástica :

Ei meninas de Porto Santo
Infiadas num *cordêl*
Cum sapatinhos de fólha
 E saiasinhas de papel...

A trova fica sem resposta e os «Profetas» organizam então o seu lindo «Baile da Meia Volta».

A noite vem caindo rapidamente, sem crepúsculo, como acontece no Arquipélago. A «Meia volta» com a sua cadencia melódica em tonalidade menor, lembra a Serenata Mourisca, de Chapi. Forma um contraste absoluto ao lado das canções da Madeira que são sempre em tom maior...

Vão-se os últimos romeiros, com o seu entusiasmo que não quebra, cantando e bailando:

Cum gana de chigar cêdo.

De correr venho cançado.

Já 'tou fraco dum canêlo

E mê côrpo 'tá delgado

Mas *inda* tenho *alimento*, Justina } bis
P'ra divertir um bocado

O côro canta :

— *Cando* à gente aqui *chigámos*

Um *assuste s'apilhua*

Vendo um *magote* de gente

C'aqui dentro *s'apinhua*

E *sintindo* um *fracasso*

Aqui no *mê* coração

Fugi-m'a vista dos olhos } bis

Qu'inté acdge s'ia ao chão.

Caiu a noite. Ao longo das encostas cintilam ondulantes as luzes das «lanternas» e dos «fachos».

A voz forte do «vilão marcante» impõe então :

Rapazes *vâmes imbroa*
Já sam horas de seguir
A festa já s'acabua
O sol já foi dormir . . .

Abalam. Já mal se distinguem as trovas ecoando no fundo dos vales . . . Ao longe, num murmúrio, repete-se ainda a «cantiga» mais característica da Madeira :

O *Xarambinha* pequeno
Rubua nei botas ao pai
P'ra ir a Sant'Amáro
Ver a festa que lá vai

O *Xaramba* foi *di lópas*
E a *milher* aos *carangueijos*
Ei filhas ficaram *im casa* {
Dando abraços e beijos } bis

XARAMBA

Andante. Salvo (a solo)

CANTO

KAJÃO

All.^o Baile

Andante. Villão (a solo)

Som duo

ao C até FIM
para começar de novo.

The musical score for 'XARAMBA' is written in G major and 3/4 time. It consists of four systems of staves. The first system shows the vocal line (CANTO) and the kajo line (KAJÃO). The second system includes a section marked 'All.^o Baile' with a repeat sign. The third system features a section marked 'Andante. Villão (a solo)'. The fourth system is marked 'Som duo' and ends with a repeat sign and the instruction 'ao C até FIM para começar de novo.'.

LENGA LENGUA

Lenga - lenga

The musical score for 'LENGA LENGUA' is written in G major and 3/4 time. It consists of three staves. The first staff shows the vocal line with the lyrics 'Lenga - lenga'. The second and third staves show the instrumental accompaniment.

